

ROTEIROS PARA LEITURA LITERÁRIA LIGIA CADEMARTORI

PARA PENSAR A LITERATURA JUVENIL

autêntica

Ligia Cademartori é doutora em Teoria da Literatura. Foi professora do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Brasília (UnB). Como conferencista, participou de congressos na Universidade de Lisboa, em Portugal, e na Universidade de Tulane, nos Estados Unidos. Tem participado, como jurada, do Prêmio Jabuti – Câmara Brasileira do Livro – e de comissões de seleção de livros de literatura do PNBE/MEC 2005 e 2007 e de vários outros concursos literários. Faz crítica literária no suplemento “Pensar” do *Correio Braziliense*.

Este encarte integra as obras infantis e juvenis da Autêntica Editora e não pode ser vendido separadamente.

© Autêntica Editora LTDA.

1 Pense bem

O que têm em comum livros como *O senhor dos anéis*, de J.R.R. Tolkien, *O admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, *A incrível fábrica de chocolate*, de Roald Dahl, *A revolução dos bichos*, de George Orwell, *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle e *As crônicas de Nárnia*, de C.S. Lewis?

Acerta quem responder serem todos, no que pesem as marcantes dife-

renças entre eles, considerados literatura juvenil. Isso já dá idéia do quanto conceituar o que seja literatura para jovens é difícil. Se você enumerar mentalmente três obras que considere ser literatura juvenil, afora as já citadas, e tentar fundamentar para si mesmo o que nelas justifica tal classificação, vai dimensionar o caráter problemático do gênero.

2 Controvérsia

Se não foi fácil identificar o que confere a uma obra literária o caráter de juvenil, um consolo: essa dificuldade não é só sua. Para o escritor norte-americano Thomas Michael Dish, um livro para adolescentes deve assegurar certa dose de inocência capaz de agradar meninos espertos como Peter Pan. Precisa piscar o olho em cumplicidade com as características ainda imaturas de seu leitor, que tem pressa, imaginação fértil, muito humor e pouca paciência com regras alheias.

Para o crítico argentino Gonzalo Garcés, porém, um livro juvenil faz exatamente o contrário. Ele argumenta

que os velhos podem idealizar a inocência, mas os jovens sabem que é urgente escapar dela. Um bom autor juvenil, segundo Garcés, elabora a obra a partir de um ponto de vista que leva o leitor a perder a inocência que deve perder e a ver o que temia ver.

E, então, como ficamos? Se você analisar tanto sua experiência como leitor quanto o que observa na reação dos jovens a certos textos, poderá decidir quem tem razão.

3 Entre duas fases

A capacidade de transmitir convincente impressão de verdade existencial é o que constitui o personagem, e por ele é que se dá nossa adesão à obra. Não por outro motivo, a ficção para o leitor jovem costuma ter personagens de sua mesma faixa de idade. Responder qual é o personagem juvenil mais renomado hoje é fácil. Nenhum outro é mais famoso que Harry Potter, o bruxo órfão, rejeitado pelos parentes, que encontra mundo paralelo ao mundo real na escola de bruxos onde passa a viver. O personagem de J.K. Rowling provocou extraordinário fenômeno de recepção entre os jovens, e a seqüência de obras, com seu nome no título, teve repercussão ímpar no cinema, na televisão, no videogame.

Um dos elementos da forte atração que a obra exerce sobre adolescentes reside no fato de o protagonista encontrar um modo de vida alternativo àquele em que vivem os adultos. É

interessante observar em que medida as obras de ficção que encontram boa acolhida no público jovem mantêm essa característica de o personagem se desviar dos padrões adultos para conseguir, depois, enfrentá-los com novos conceitos e experiências.

Personagem de obra de viés realista – radicalmente distinta, portanto, da de J. K. Rowling, que tem gosto pelo mistério e pelo ocultismo –, Holden Caulfield é exemplo de personagem juvenil. Enfrenta os conflitos de um momento intervalar, em que já não é criança sem ser ainda adulto, e protagoniza consagrado clássico do gênero: *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger.

Vale observar que, de modo muito peculiar, duas obras essencialmente distintas tratam dessa condição de o personagem situar-se entre etapas diferentes da vida, questão dificilmente ausente de uma narrativa juvenil.

4 Espaço de liberdade

O deslocamento espacial, por lugares que permitem ao personagem experimentar formas de relação diferentes daquelas da casa de origem,

é forte característica das narrativas destinadas ao jovem. Na rua ou no internato, na ilha ou na fazenda, o personagem juvenil procura um espaço

onde possa explorar mais livremente o mundo e testar seus próprios limites.

Internato traz idéia de cerceamento e clausura. No entanto, reúne crianças e jovens. Os pais não estão lá para impor regras e valores e controlá-los. A relação com professores se dá de maneira menos impositiva. Os jovens conseguem, como Harry Potter, experimentar possibilidades, fazer escolhas e criar valores sem tanta pressão externa.

Em condição espacial oposta, Holden Caulfield, afastado da esco-

la, percorre as ruas de Nova York a esmo. Do mesmo modo, porém, ele se evade da presença dos mais velhos para explorar o mundo, encarar a dor e conhecer-se.

É interessante observar as diferentes figurações de espaço nas narrativas juvenis e a relação que estabelecem com a constituição do personagem e com a evolução da trama, apresentação sucessiva e concatenada dos eventos narrativos de modo a assegurar o interesse pelo desfecho.

5 O remoto

Obras como *O senhor dos anéis* e *Crônicas de Nárnia*, assim como aquelas protagonizadas por Harry Potter, têm como característica o recuo a uma época remota, em que prevalecem a magia e o mito. O remotismo no tempo convoca antigos mitos da época pré-cristã e os atualiza. Por força do mito, ocorre, então, uma suspensão temporal semelhante à que se dá nas histórias maravilhosas, nos contos de fadas.

Em narrativas que dispensam marcação cronológica, no entanto, é a vida interior do personagem que rompe com as medidas convencionais do tempo, impondo o ritmo das vivências e do tempo psicológico:

“Aí, de repente, começou a acontecer um negócio um bocado fantasmagórico. Cada vez que eu chegava ao fim de um quarteirão e descia o meio-fio, tinha a sensação de que nunca chegaria ao outro lado da rua. Pensava que ia caindo, caindo, caindo, e nunca mais ninguém ia me ver.”

O apanhador no campo de centeio,
J.D. Salinger

A condição de os jovens viverem fase intermediária entre duas etapas da vida, inseguros da própria capacidade, pode explicar a atração que sentem por histórias cuja trama se desenrola em outros horizontes que

não aqueles que lhes são habituais. Agradam ao leitor jovem narrativas em que o deslocamento se dá tanto para o remoto temporal quanto para o

remoto espacial. É o “fora do tempo e do lugar” que pode permitir-lhe ver o mundo por uma perspectiva nova.

6 Os preferidos

Alexandre Dumas não escreveu para jovens. Arthur Conan Doyle também não. Que jovem, no entanto, nunca ouviu falar dos três mosqueteiros ou de Sherlock Holmes? Narrativas de aventura – aquelas em que a ação, processo em que se desenvolvem os eventos narrativos com vistas a um fim, predomina sobre a psicologia do personagem – atendem aos interesses juvenis. Romances policiais, de espionagem, de ficção científica, narrativas fantásticas atendem igualmente ao gosto pelo imprevisível e pelo perigoso, que despertam, ao mesmo tempo, atração e repulsa.

Adaptados para a competência lingüística e textual do jovem de hoje, títulos de outras épocas com o caráter de permanência dos clássicos transportam o leitor, por via da imaginação, da estabilidade e da banalidade do cotidiano, para os perigos de *A ilha do tesouro*, de L. R. Stevenson, ou para *Viagem ao centro da Terra*, de Júlio Verne. Mas, mesmo sem viajar para tão longe, ele pode descobrir a dupla face do homem em *O médico e o monstro*, do mesmo Stevenson. Comum a histórias como essas é a expressão do desejo do homem de medir-se diante do risco, confrontar o medo e superá-lo.

7 Gêneros se incluem

Se as obras clássicas permitem identificar com relativa facilidade os marcadores de gênero, nas narrativas contemporâneas eles tendem a dissolver-se pela inclusão, em uma

mesma narrativa, de elementos de gêneros literários diversos.

Quando se fala de literatura para jovem, aspecto para o qual se deve dar particular atenção é o fato de o

leitor se formar na escolha pessoal e intransferível do que ele quer realmente ler. Existem as injunções da escola – em geral, mais insistentes que as da família – para promover o contato do estudante com a tradição literária brasileira. Mas a apropriação de determinado livro por um leitor, ao ponto de ter o modo de sentir e de entender alterado como efeito da lei-

tura, se dá apenas como experiência individual. Isso é algo que qualquer leitor de verdade entende bem.

Importante é ter presente que livros os mais diversos atendem ao interesse de cada um. Nem sempre o título que se prevê como adequado ao jovem será o livro que vai interessá-lo. Essa é a aventura que vive todo leitor.



autêntica

www.autenticaeditora.com.br

**tele vendas
0800 2831322**

Autêntica Editora Ltda.

Rua Aimorés, 981 – 8º andar | Bairro Funcionários | Belo Horizonte – MG | CEP 30140-071

Tel.: (31) 3222 6819 – Fax.: (31) 3224 6087

vendas@autenticaeditora.com.br